

HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESPAÇO DEMARCADO POR MULHERES

Walter Lucio da Silva ¹

RESUMO

Esta pesquisa surgiu no intuito de discutir o papel do educador do gênero masculino no âmbito da Educação Infantil. Minoria em todos os níveis de ensino, os homens tentam ganhar espaço num ambiente historicamente dominado pelas mulheres e levantam questões como preconceito, desvalorização do trabalho docente e construções sociais que envolvem escola, família e comunidade. Baseado em alguns pesquisadores do assunto como: Santos, Mattos, Ferreira, Sayão e outros, buscamos analisar as trajetória docente de profissionais do sexo masculino do município Gado Bravo – PB e cidades circunvizinhas . Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos entrevistas escritas. Os objetivos que nortearam nossa pesquisa foram traçar um perfil do profissional masculino na Educação Infantil e anos iniciais no Município de Gado Bravo e detectar as dificuldades encontradas para exercer suas funções. Os dados possibilitaram concluir que os homens são minoria neste segmento não só na cidade pesquisada, mas em todo o Brasil, e que alguns desses profissionais temem não exercer tal função pelo fato do preconceito, visto que essa função está tão marcada culturalmente pelo papel da mulher.

Palavras-chaves: Preconceito; Gênero; Educação Infantil; Ensino.

¹ Especialista em Supervisão e orientação. Walter-lucio@outlook.com

INTRODUÇÃO

A docência na educação infantil e nos anos iniciais converteu-se, ao longo do tempo, em uma profissão predominantemente feminina. Minoria em todos os níveis de ensino, os homens tentam ganhar espaços num ambiente historicamente dominado pelas mulheres e levantam questões como preconceito, desvalorização do trabalho docente e construções sociais que envolvem toda a comunidade escolar. Segundo um artigo da revista Nova Escola, os professores homens atuantes nos anos iniciais representam 16,5 e 2,9 na Educação Infantil, representando esta nova geração de profissionais da educação que irão atuar numa era para a qual se projeta um mundo sem preconceito e discriminação, pautados na igualdade entre homens e mulheres independente de idade, etnia, cor, religião ou orientação sexual.

Diante dessas questões, surgiu essa pesquisa, com o objetivo de analisar a trajetória docente de profissionais do sexo masculino do município de Gado Bravo-PB e cidades circunvizinhas, auxiliando positivamente na formação dessas crianças.

Um estudo nesta linha trará subsídios para melhor compreender quem é este profissional, contribuindo para minimizar preconceitos, permitindo que profissionais que se sentem atraídos pelo trabalho educacional com crianças nesta fase não se sintam intimidados com as dificuldades que venham a enfrentar em decorrência de gênero.

Do ponto de vista histórico, durante muito tempo, o cuidado e a educação da criança pequena esteve sobre a responsabilidade familiar, especialmente da mãe. A instituição creche surgiu no Brasil no fim do século XIX, decorrente da industrialização e da urbanização do país. Neste contexto, o intuito era liberar a mulher para o mercado de trabalho (SANTOS, 2010, p. 8).

No decorrer dos tempos, a história da Educação Infantil no Brasil teve diferentes mudanças na sua função, pois o papel das instituições visava apenas o cuidar, não havia a preocupação de educar as crianças de zero a seis anos, havia uma visão assistencialista; atualmente o cuidar e o educar fazem parte intrinsecamente da educação da criança, pois a educação é um direito da criança desde o seu nascimento. (SANTOS, 2010, p. 9)

DESENVOLVIMENTO

A profissão e a docência na Educação Infantil são, de fato, elaboradas pelo trabalho cotidiano de homens e mulheres e não estão unicamente determinados por “estrutura de gênero” é preciso, portanto desconstruir ideias incorporadas de maneira errônea e crítica porque masculino e feminino não são entidades isoladas que possuem somente funções pré-determinadas pelo universo cultural.

Isso nos faz problematizar algumas questões como: homens numa função de gênero feminino? A educação infantil só pode ser exercida por mulheres? Contudo, não basta ser mulher ou homem, não basta gostar de crianças, considerando que o cuidado e a educação das crianças pequenas têm sido difundidos como um papel de mulheres, ou ligadas às concepções biológicas, pelo forte apelo a reprodução e a maternidade, podemos afirmar que esse argumento acerca das capacidades maternas das mulheres para o cuidado com a infância visava valorizá-las no interior do lar. Dessa maneira, aos homens caberia enfrentar a competitividade no mundo público, enquanto as mulheres deveriam continuar voltadas para o privado, tendo na maternidade o ponto definida da feminilidade (MATOS, 2013, p. 123).

Contudo, percebemos que assim como as mulheres, não só os homens aprendem a cuidar, mas homens diferentes cuidam de formas diferentes e mulheres diferentes cuidam de formas diversas. Isso leva a crer que não existe um jeito universal masculino ou feminino de cuidar na Educação Infantil e que todos independente do gênero pode ser um profissional da educação infantil. (FONSECA, *apud* CARVALHO, 1999, p. 37).

Mesmo que a maioria do corpo docente seja composta por mulheres, a instituição escolar ainda é um espaço com homens, muito embora poucos. Mas do que isso, ela foi imaginada por homens e constituída inicialmente por homens.

A regulamentação da docência ocorreu no Brasil no século XIX, com a escola normal, momento em que a modernização do país absorveu a mão de obra masculina para outros espaços sociais, possibilitando às mulheres o acesso à escola como espaço profissional. A partir das primeiras décadas do século XX, o surgimento da rede pública de ensino passou a convocar as mulheres ao trabalho no curso primário.

Para tal, foi necessário transformar a percepção social em relação à competência feminina para a função, as mulheres não eram capazes para o exercício do magistério, já que eram mais como maternas do que profissionais, por este fato, passou-se a associar o ensino primário a características categorizadas como femininas, como amor às crianças abnegação e

delicadeza, não enfatizando a escola que instrui pelo intelecto, mas a formação como moralização, civilização, disciplina e higiene (SÁNCHEZ, 2010).

Segundo o professor de Sociologia da Educação, Frederic Assis Cardoso “os homens têm certa preferência em assumir espaços ainda demarcados para a vivência de suas masculinidades, como supervisão e chefia ou aulas de educação física”. Com isso percebemos a reprodução das relações sociais de gênero, em que os homens continuam gozando de mais privilégios na hierarquia de cargos com mais prestígio, em funções de atribuições de controle e poder, muitos professores masculinos têm a tendência de trabalhar dois anos com as crianças e depois serem convidados para funções administrativas.

A ideia de que a função do cuidar é uma atividade para se exercida por mulheres é ratificada pela maioria das pessoas que trabalham na área de educação infantil, principalmente por professoras, pais e parentes das crianças. Diferentemente de como concebem a profissão ao ser exercida por mulheres. (RAMOS, 2011, p. 6)

Esse fato de que o cuidado está relacionado tão forte à mulher, pode ser explicado partindo do biológico, com forte apelo à reprodução e à maternidade e também pela questão cultural, onde a mulher fez história com o “trabalho feminino.” Sobre os intensos debates e movimentos acerca dessa questão do cuidar, na década de 80, ocorreu uma publicação da Política de Educação Infantil, divulgada pelo MEC em 1993 (BRASIL, 1993). Tal documento foi bastante divulgado na área de educação infantil e apropriado pelos profissionais dessa área, contudo essas discussões de cuidado/educação tornou-se um princípio que deveria caminhar para o fazer pedagógico nas instituições voltadas para as crianças de 0 a 6 anos.

Campos e Ferreira (1992) apontam dados desse processo quanto às indefinições/definições do que seria de fato, cuidado e educação. Dai podemos assegurar a razão de o cuidado ser tão assemelhado à mulher, pois essa ação tem sido atribuída e recai predominantemente sobre as mulheres, indicando que seu lado maternal sobrepõe a questão de cuidar e educar.

Será que o cuidado é tipicamente feminino? Será que professores masculinos podem cuidar e educar?

A busca de compreender esses elementos nos fez pesquisar em revistas, artigos e dissertações que contribuíssem para a compreensão do tema, contudo fizemos um aparato de informações realizados por outros graduandos, autores, pesquisadores da área, sobre esse tão polêmico tema do cuidar e educar, buscando as abordagens teóricas. Quando se fala da construção social do feminino e do masculino entendemos que há algumas profissões como “femininas” e alguns vínculos voltados para a reprodução e o cuidado com as filhas ou filhos,

a maternagem. Termo que ficou conhecido no Brasil, que significa cuidados maternos dedicados às crianças, contudo a argumentação acerca das capacidades naturais das mulheres para os cuidados com a infância, visava valorizá-la no interior do seu lar. Dessa maneira, caberia ao homem enfrentar a competitividade no mundo público, enquanto as mulheres deveriam continuar voltadas para o privado, tendo na maternidade o ponto definidor da feminidade (MATTOS 2003, p.123).

Não podemos ignorar os significados avanços teóricos que recentemente têm sido assimilados por outras abordagens que se pautam nos aspectos históricos, culturais, ao invés daqueles meramente biológicos que definem a diferença entre homens e mulheres ligada ao sexo, desconsiderando as construções sociais.

A tese de Chodorow (1979) indica que uma das diferenças decisivas das mulheres em relação aos homens é o fato de que, universalmente elas são as maiores responsáveis pela reprodução e pelo cuidado com os filhos e filhas, sobretudo quando as significativas diferenças quanto às formas de como as mães investiam na socialização das filhas em relação aos filhos e as personalidades de uns e outras seriam moldadas a partir dessas diferenças, que vão ficando evidentes nos meninos e nas meninas desde a infância. Simplificando, seriam as mães as responsáveis pela socialização das meninas para a maternagem, o que geraria um sentimento de responsabilidade para com o cuidado com outros.

A princípio, pensávamos em realizar dez ou doze entrevistas com profissionais da Educação Infantil. No entanto, a partir da própria fundamentação teórica, descobrimos a escassez de trabalhos voltados ao tema. Quando buscamos profissionais envolvidos com esta faixa etária, foi ainda mais difícil. Assim sendo, fizemos cinco entrevistas com profissionais inseridos no contexto da Educação Infantil, objetivando analisar a realidade vivenciada por estes profissionais, as dificuldades enfrentadas e seus medos e alegrias com a profissão.

Os participantes dessa pesquisa, familiares e alguns profissionais de instituições de ensino, relatam algumas dificuldades em relação à presença de homens na Educação Infantil. Os dados coletados mostram, que apesar do número de participantes ser pequeno, pois a demanda de homens nessa etapa é minoria, sinalizam que esses docentes ou aqueles que pretendem entrar nessa carreira, têm sua presença de início vigiada, observada, todos os professores iniciantes na carreira passam pelo período probatório, que seria o tempo necessário para provar a verdadeira intencionalidade na ocupação do cargo. No entanto, sob olhar dos pais e da comunidade escolar, além de passarem por esse período, ainda passam

pela comprovação de não representarem perigo ou dano às crianças. Sabemos que só existe o período comprobatório, no entanto, por serem homens, esses profissionais precisam comprovar ainda mais qualidades do que as mulheres que entram nessa carreira de educação infantil.

Outro ponto seria o fato desses sujeitos, inseridos nessa etapa e com um considerável tempo no exercício, ganharem mais confiança dos pais e da comunidade. Percebemos que, com o passar do tempo, com a interação com as crianças e outros agentes da escola, mais confiança todos terão sobre o trabalho desses sujeitos. É tão provável que nas entrevistas os professores têm mais confiança e a comunidade maior credibilidade nos seus trabalhos, pois o tempo fez com que eles provassem sua capacidade.

A visão que se tem sobre o professor homem nos faz pensar sobre as hierarquias sociais postas ao gênero. A demarcação do gênero feminino para essa carreira e a negação ao gênero masculino. Ao tentar ter outro olhar para essa questão, esbarramos na questão da sexualidade de professores e professoras, pois nos parece que socialmente são construídas profissões para homens e para mulheres já estabelecidas, e daí parte o preconceito e o julgamento de capacidades por se escolher uma profissão demarcada culturalmente por um gênero.

A afirmação de que o magistério é uma profissão feminina provoca um problema e não uma verdade, estudos de alguns pesquisadores que se identificam na área indicam que a carreira de educador infantil não constitui um trabalho meramente feminino, porque nela concentra um patamar maior de mulheres exercendo essa profissão, mas porque exercem uma função de gênero feminino, que está ligado à vida reprodutiva, relacionado com o cuidar e educar crianças pequenas. Essas profissões demarcadas não são apenas o problema, mas muitas vezes os espaços e as práticas, como afirma Junqueira (2010), as fronteiras de gênero no âmbito escolar são excessivamente demarcadas e sublinhadas, com atividades, objetos, saberes, atitudes, espaços, jogos, cores tornando-se um do outro masculino ou feminino, construídos em elementos de distinção e classificação. Se as profissões e os espaços, como também as práticas escolares são mostradas de maneira tão demarcada pelo gênero nas outras etapas da educação, pois homens na educação é minoria, na educação infantil ganham uma dimensão maior, pois o vínculo que separa o espaço escolar do espaço do lar é muito pequeno e ainda é historicamente de domínio feminino nas sociedades atuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

RECORTES DE DEPOIMENTOS DE HOMENS QUE TRABALHAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL (RETIRADO DA REVISTA EDUCAÇÃO(ANO 16, Nº 185)

Hoje eu trabalho com 20 alunos (...) sou psicólogo e quando terminei a faculdade a perspectiva de ficar confinado em um consultório me dava aflição. Por mais que na escola exista uma rotina as crianças estão cada dia de um jeito e peso muito na minha escolha a oportunidade de desenvolver um trabalho com essa faixa etária(...) vi muitos homens chegarem, ficarem um pouco e irem embora, porque a maioria passou pela educação infantil como uma experiência para

outras áreas(...)eu mesmo optei por permanecer e cursar pedagogia só depois de cinco anos refletindo sobre o que eu faria caso sáísse.os amigos que passaram por lá justificaram as contas a pagar, e eu entendo , porque ganhar a vida só nisso mesmo difícil(...)

Luiz Alberto 37 anos, 14 deles na educação infantil em São Paulo (SP)

Um dos entraves da ser professor de Educação Infantil é a questão financeira. Culturalmente o homem deve prover a família e trabalhando nessa área ficará difícil suprir as necessidades básicas. Percebemos pelo relato de Luiz que tem que gostar mesmo de educação infantil, todos percebem que é minoria nessa área, mais mesmo assim não se incomodou e seguiu sua carreira enfrentando os obstáculos e derrubando tabus para desconstruir a ideia de que só mulheres podem ensinar Educação Infantil.

Escolhi ser professor por influencia da minha mãe (...) atualmente trabalho com uma turma de 3 anos, alem disso leciono em um curso de formação de professores para a educação infantil(...) ao longo desses sete anos na educação infantil coleciono fatos muitos positivos apesar da resistência de alguns pais em certos momentos, sobretudo das mães. Um dia, na hora da saída, um pai me disse se sentir representado ao ver os filhos dele tinham um professor homem, já que ele não podia estar muito tempo com eles. Hoje chega a ser engraçado que em todo primeiro dia de aula no curso magistério que leciono perguntam se eu sou homossexual, (...) uma de minhas primeiras diretoras quis saber como eu fui parar na educação infantil. Respondi que era casado e cuidava da educação das minhas duas filhas. Percebi que além de questionarem muito isso, elas pensavam:” se é hetero é preciso vigiar, porque pode ser um perigo para as crianças,” o assunto que fica por ultimo é se sou competente para o trabalho(...)

Sandro Vinicius Sales 32 anos, 7 na educação infantil em Belo Horizonte (MG)

Ser professor homem na Educação infantil levanta muitas questões de preconceitos, visto que irão cuidar e educar de crianças pequenas, muito embora esses profissionais são concursados encontram entraves antes mesmo de começar a trabalhar na escola. Percebemos no depoimento de Sandro a questão muito forte de sua orientação sexual, sempre colocada em evidência sua masculinidade, mesmo dizendo ser casado pai de duas filhas as preocupações de pais e direção mudam de direção achando que pode ser um perigo homem ensinando crianças pequenas.

(...) professora me deu varias dicas para não machucar as crianças, pois brincava muito no playground com elas, (...) eu comecei por acaso. Cursei licenciatura em letras na PUC-SP porque gostava de escrever e ler. Tenho vontade de fazer psicologia e o que mais quero é estudar é pedagogia, porque é minha área atual.(...) preciso ter muita paciência as vezes, porque as crianças demandam muita energia. Elas choram e você deve estar ouvido e coração abertos para conseguir lidar com as situações de uma forma justa. As vezes eu me sinto um pouco cientista com as crianças, pois eu acompanho o desenvolvimento delas e vejo como os adultos, no caso os pais são parecidos com elas, eu não gostava de ter de recortar 20 vaquinhas, 20 carneirinhos. Acho que as mulheres têm mais habilidades manuais, mais fui criando mecanismos: eu ia para casa dos meus amigos ver jogo e fazia tudo ao mesmo tempo(...) Rafael Carvalho 26 anos, 3 anos na educação infantil em São Paulo (SP).

A ideia do cuidado na Educação Infantil está tão intrínseca à mulher que quando entra um homem nessa área causa estranheza e indagações, Rafael em sua fala relata que não teve grandes problemas em trabalhar na educação infantil, muito embora tenha recebido sugestões de outras professoras na questão do brincar, por ser um homem grande e forte poderia machucar as crianças na hora do recreio, no entanto recebeu as sugestões de braços abertos. O maior desafio desses profissionais é mostrar que são capazes de fazer o papel que qualquer outro profissional, independente da questão de gênero; por outro lado tem o olhar dos outros agentes escolares por acharem que o homem não tem um aspecto físico proporcional para Educação Infantil, pois na realidade têm uma visão errônea que os profissionais dessa área somente devem ser mulheres meigas, sensíveis e de preferência com um jeito maternal de ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos entender as novas configurações familiares e a criação das crianças. Compreender os novos arranjos familiares é importante para que os profissionais que atuam na Educação Infantil possam contribuir para facilitar a integração e a circulação das crianças e de suas famílias num espaço de confiança e respeito mútuo.

A família está mudando, tanto que não se fala mais família, mas em famílias e em novas configurações familiares; tais mudanças já são observáveis no cotidiano das escolas e podem levar a uma inquietação sobre a criação das crianças. Quando falo em novas configurações familiares, me refiro a famílias que escapam aos padrões tradicionais, tais como famílias mono parentais (compostas por apenas um dos genitores), famílias homo parentais (formados por genitores do mesmo sexo), famílias constituídas a partir de novas formas de adoção ou de procriação.

Se a expressão “nova” configurações familiares é recente e retrata uma nova realidade, vale lembrar outra expressão “famílias desestruturadas” que circulam no discurso social já há algum tempo. Esta é utilizada de maneira genérica, costuma apontar insuficiência ou carência dos pais e reconhece neles os responsáveis pelos problemas apresentados pelos filhos/alunos.

Assim, na atualidade, no que diz respeito às famílias, configura-se um cenário no qual, de um lado, situam-se os novos arranjos familiares, os diversos discursos e disciplinas que se dedicam a família, aos pais e à educação das crianças, e de outro, a expressão “famílias desestruturadas” usadas corriqueiras e pouco preciso no cotidiano das instituições educacionais.

A inserção de professor homens na educação infantil tem estreito vínculo com as conquistas no campo das políticas para a infância. Em especial no processo de reconhecimento da educação básica. Essa situação possibilita a abertura de concursos públicos e o ingresso de professores homens na carreira de educador infantil.

Por muito tempo, como diz Oliveira, o homem estava centrado como o cabeça do lar, era o mantenedor da casa e para isso precisava trabalhar muito para sustentar sua família, visto por esse ângulo podemos perceber que o homem foi criado culturalmente para trabalhar em profissões que ganhasse bastante dinheiro e que ficasse acima dos trabalhos relacionados a mulher, isso fica evidente nessa pesquisa onde o numero de professores homens em todas as etapas da educação é muito pouca comparando-a com as mulheres.

REFERÊNCIAS

Revista Educação: **homens que educam: fora do lugar** .Editora segmento. Ano 16, pag 54- 68

MATOS, Maria I. Delineando corpos: **as representações do feminino e do masculino no discurso médio**. In MATOS, Maria I: SOIHET, Raquel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003. P. 107-128.

RAMOS, Joaquim. **Um dialogo com a comunidade escolar sobre a presença de professores homens na educação e no cuidado de crianças pequenas**.III seminário Nacional gênero e praticas culturais. João Pessoa 2011.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz . **Currículo, Cotidiano escolar, heteronormatividade em relatos de professoras da rede pública**. In: fazendo gênero 9: diáspora, diversidade, deslocamento- UFSC, 2010.

SAYÃO, Thomé Debora. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação infantil: Um estudo de professores em creches**. Tese de (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da educação, Florianópolis, 2005.